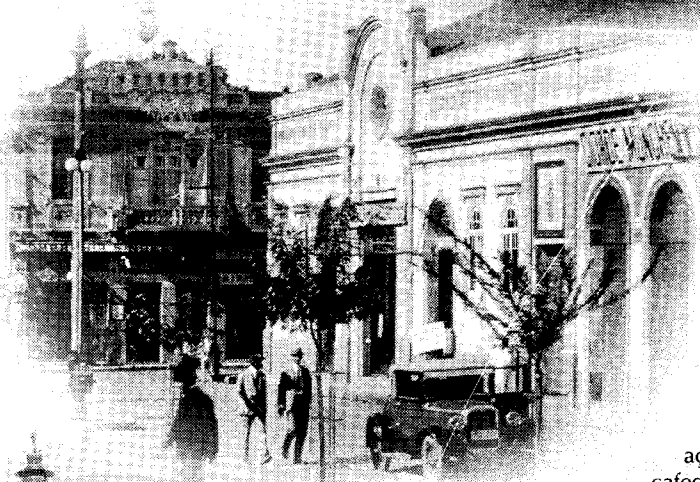
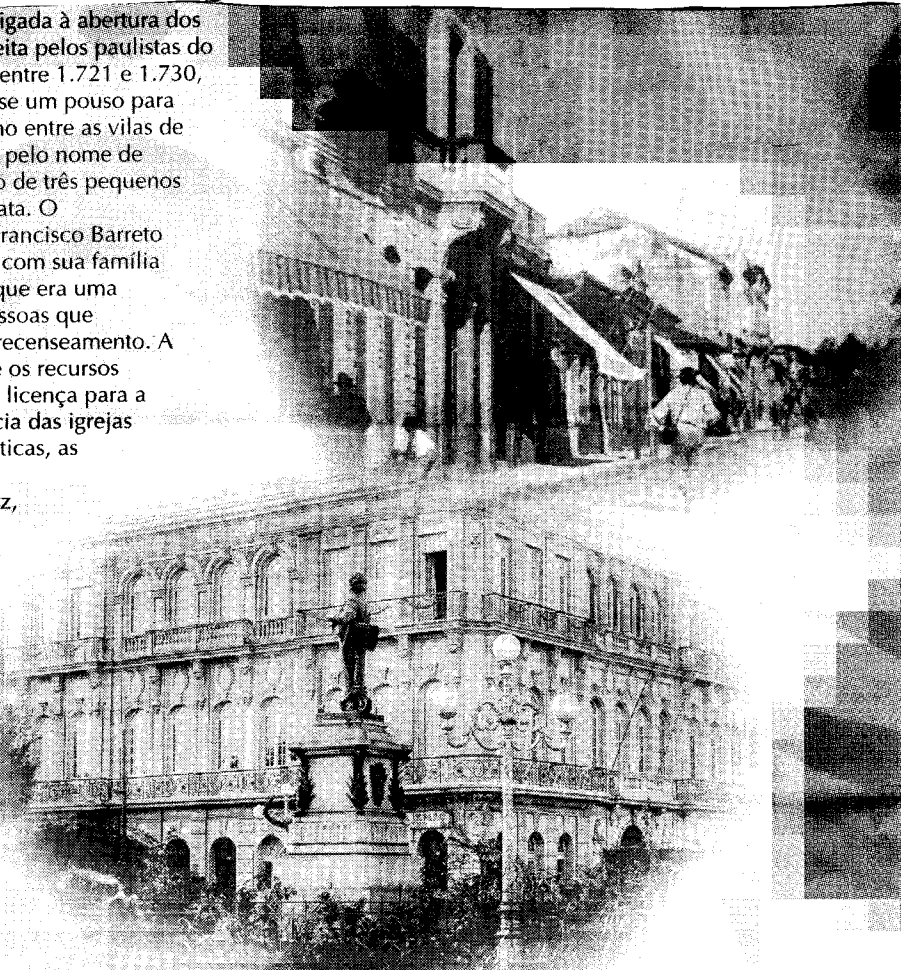


A história de Campinas

A

origem do povoamento de Campinas está ligada à abertura dos caminhos para o sertão de Goiás e Mato Grosso, feita pelos paulistas do Planalto de Piratininga. Uma dessas trilhas, aberta entre 1.721 e 1.730, chamou-se "Caminho dos Goiazes". Logo instalou-se um pouso para descanso dos tropeiros que utilizavam esse caminho entre as vilas de Jundiá e Mogi-Mirim. Esse pouso ficou conhecido pelo nome de "Campinas do Mato Grosso" em razão da formação de três pequenos descampados ou "campinhos" em meio à densa mata. O povoamento efetivo começou com a chegada de Francisco Barreto Leme, vindo de Taubaté entre 1.739 e 1.744. Veio com sua família e conterrâneos e fixou-se em terras adquiridas do que era uma antiga sesmaria. No ano de 1.767, eram 185 as pessoas que moravam no bairro de Mato Grosso, segundo um recenseamento. A economia baseada na agricultura de subsistência e os recursos disponíveis eram mínimos. Em 1.722 foi solicitada licença para a construção de uma capela devido à grande distância das igrejas mais próximas de Jundiá. Através de pressões políticas, as autoridades eclesiásticas concederam, em 1.773, autorização para a construção de uma Igreja Matriz, ao invés de uma simples capela. Isso significou a emancipação religiosa de Campinas, embora a vila continuasse dependente politicamente de Jundiá. No mês de maio de 1.774, o então governador da Capitania de São Paulo, Morgado Mateus outorgou a Barreto Leme a fundação do núcleo e estipulou algumas medidas urbanísticas básicas para o local. No dia 14 de julho de 1.774, em uma capela provisória, foi celebrada a primeira missa por Frei Antônio de Pádua, primeiro vigário da nova paróquia. Essa data ficou sendo a data oficial da fundação de Campinas. Já em 1.775, foi criado o Distrito de Conceição de Campinas. Em 1.797 foi elevado à condição de vila com o nome de São Carlos, surgindo assim o município com território desmembrado de Jundiá. Eram 2.107 habitantes e pouco mais de quatrocentas casas.



A denominação de São Carlos nunca prevaleceu junto à população, tanto que no ano de 1.842 a vila foi elevada à categoria de cidade com o nome, já tradicional, de Campinas. A economia regional foi marcada inicialmente pela lavoura canavieira e a indústria açucareira, com uso significativo de mão-de-obra escrava. A economia passou gradativamente, da monocultura açucareira para a monocultura cafeeira no início do século XIX. Em

1.830, o café já estava consolidado na região, de modo que em 1.854 havia em Campinas 117 fazendas com a produção anual de mais de 300.000 arrobas de café. A seguir, vieram os imigrantes europeus, substituindo, gradualmente, a mão-de-obra escrava nas fazendas, nas ferrovias. Aos poucos, apesar de ser uma sociedade conservadora devido à monocultura, ao patriarcalismo e à escravidão, o acúmulo de capital gerado pela agricultura desenvolveu o setor terciário (comércio e finanças), criando a infra-estrutura capaz de organizar o crescimento industrial a partir do final do século XIX. Campinas tem uma área de 801 quilômetros quadrados, (Fonte: Fundação Seade 93) com 907.996 habitantes. (Fonte: Censo Demográfico de 1.996 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE). O município possui quatro distritos: Joaquim Egídio, Sousas, Barão Geraldo e Nova Aparecida.

Fonte: Secretaria de Cultura de Campinas